

## A LITERATURA NO LAMPIÃO DA ESQUINA: UM LUGAR DE PARATOPIA

### LITERATURE IN LAMPIÃO DA ESQUINA: A PLACE OF PARATOPY

Rodrigo dos Santos Dantas da Silva

PMVV-ES/ Sedu-ES/ Ufes

**Resumo:** O Lampião da Esquina foi um jornal alternativo carioca que circulava no Brasil, entres os anos de 1978 e 1981, concomitante à “abertura” política do regime ditatorial brasileiro. Nesta exposição, pretende-se observar como o corpo e o desejo são representados na poética desses escritores até então ctônicos (Leila Mícolis, Franklin Jorge, Cassandra Rios, Renata Pallotini, Mário Faustino...) em meio a ditadura cis-hétero-militar (AFONSO-ROCHA, 2021), que escreviam, provavelmente, com a intenção de não desaparecer (FOUCAULT, 2015). Maingueneau (2006), pontua que a paratopia é um não lugar, sendo o enunciado literário um discurso constituinte que é validado por uma cena enunciativa – no caso dos autores presentes na seção “literatura” do Lampião da Esquina, a ditadura é uma espécie de “ordem de discurso” que (in)valida as vivências dos sujeitos com sexualidades destoantes. E por meio da performatividade (BUTLER, 2023) esses escritores underground destoam às normas regularizadoras em meio ao regime ditatorial e acabam por contribuir para a produção/ preservação de uma memória LGBTQIA+ do Brasil – haja vista que o advento do Lampião da Esquina ocorre no mesmo período de surgimento dos primeiros grupos organizados de gays/ lésbicas (Somos e Galf) em busca de seus direitos, enquanto cidadãos e cidadãs.

**Palavras-chave:** Lampião da Esquina, Literatura LGBTQIA+, Paratopia; Performatividade.

**Abstract:** The Lampião da Esquina was an alternative newspaper from Rio de Janeiro that circulated in Brazil between 1978 and 1981, coinciding with the political "opening" of the Brazilian dictatorship. This exhibition aims to observe how the body and desire are represented in the poetry of these previously underground writers (Leila Mícolis, Franklin Jorge, Cassandra Rios, Renata Pallotini, Mário Faustino...) amidst the cis-hetero-military dictatorship (AFONSO-ROCHA, 2021), who wrote, probably, with the intention of not disappearing (FOUCAULT, 2015). Maingueneau (2006) points out that paratopia is a non-place, with the literary utterance being a constitutive discourse validated by an enunciative scene—in the case of the authors featured in the "literature" section of Lampião da Esquina, the dictatorship serves as a kind of "order of discourse" that (in)validates the experiences of subjects with divergent sexualities. Through performativity (BUTLER, 2023), these underground writers challenge the regularizing norms within the dictatorial regime and contribute to the production/preservation of an LGBTQIA+ memory in Brazil—given that the advent of Lampião da Esquina occurs in the same period as the emergence of the first organized groups of gays/lesbians (Somos and Galf) seeking their rights as citizens.

**Keywords:** Lampião da Esquina; LGBTQIA+ Literature; Paratopy; Performativity.

**Recebido em 1 de julho de 2024.**

**Aprovado em 25 de setembro de 2024.**

## Introdução

Este artigo analisa alguns enunciados literários presentes na seção literatura do periódico nanico *Lampião da Esquina*, que circulou no Brasil entre 1978 e 1981. Compreendemos que o enunciado literário vai além da apreciação estética, ele também está situado histórico, social e ideologicamente. Assim, nesta exposição nosso objetivo é observar como o corpo e o desejo se dão na poética de poetas, até então ctônicos, na poesia da seção “Literatura” do *Lampião da Esquina*, enquanto lugar de paratopia – em meio à ditadura cis-hétero-militar brasileira, como se o regime militar fosse uma ordem discursiva, a qual legitimava quem poderia ou não falar.

O *Lampião da Esquina* era um jornal LGBTQIA+, de gueis feito para gueis, com a palavra “gay” grafada em português, com a intenção de atingir diversos sujeitos com sexualidade não hegemônicas de diferentes classes sociais. O nanico trazia “[...] uma linguagem desmunhecada e desabusada do gueto homossexual” (TREVISAN, 2018, p. 317) para tratar de assuntos sérios referentes às sexualidades não hegemônicas e crítica ao antigo regime ditatorial brasileiro. E mesmo em um período de “abertura” política, foi um espaço de resistência, enfrentamento e denúncia à necropolítica de um regime que ditava quem deveria ou não viver/ morrer (MBEMBE, 2018).

O *Lampião da Esquina* teve trinta e sete edições ordinárias, sem contar as três extraordinárias de entrevistas e uma primeira edição especial, de número zero. Enquanto instrumento de resistência, não tratava só de questões referentes à sexualidade ou aos gays, mas discorria sobre diversas temáticas e problemas sociais de sujeitos excluídos pela ditadura militar no Brasil: feminismo, ecologia, racismo, ecologia, o amor entre pessoas gays com deficiência, guetos de pegação, futebol, música, literatura ainda colocava em pauta possibilidades de alegria para a comunidade LGBTQIA+ daquele momento: como música, arte, cinema... A equipe editorial da revista era composta por 11 homens gays de diferentes campos de atuação: dramaturgos, escritores, jornalistas, críticos de arte e cinema, dentre outros.

O *Lampião da Esquina* é entendido como um arquivo que documenta a história “hétero-cis-militar-brasileira”<sup>2</sup> (AFONSO-ROCHA, 2021). Mais do que um simples

---

<sup>2</sup> Rocha (2021) amplia o conceito de “ditadura hétero-militar”, usada por Renan Quinalha, porque, segundo Rocha, o próprio *Lampião* tratava de trans-existências, porque a ditadura militar brasileira, enquanto regime, não produzia apenas um corpo heterossexual, mas ainda um corpo cis, além de omitir/ocultar/perseguir mulheres transexuais e travestis. Concordamos com o autor, por isso, trazemos essa nomenclatura.

suporte discursivo, é um instrumento histórico, político e ideológico que, concretamente, expôs as experiências de pessoas marginalizadas devido às suas sexualidades não hegemônicas. Essas pessoas não encontravam representação política nos partidos de esquerda ou direita. Hoje, disponível em PDF, para download<sup>3</sup> gratuito no site do Grupo Dignidade, esse material foi fundamental para a formação de uma identidade LGBTQIA+ brasileira, surgindo simultaneamente aos primeiros grupos gays nacionais, como o SOMOS e o GALF. Além disso, o Lâmpião da Esquina desempenha um papel crucial na preservação da memória LGBTQIA+ no Brasil.

Pensando em nosso substrato de análise, vários foram os literatos que contribuíram para a seção “Literatura” do jornal, dentre eles Leila Mícolis, Franklin Jorge, Cassandra Rios, Renata Pallotini, Mário Faustino... Pessoas que escreviam como forma de resistência, mesmo ocupando o mesmo espaço na seção de escritores já consagrados como Fernando Pessoa. Em meio ao caos, a barbárie, sem apoio da direita ou das esquerdas (QUINALHA, 2017) esses autores ctônicos escreviam, provavelmente, com a intenção de não desaparecer (FOUCAULT, 2015) – demarcavam não só as suas sexualidades, mas seus corpos e outras possibilidades de amar. E por meio da performatividade: a sexualidade que emerge na matriz das relações de poder não é uma simples duplicação ou cópia da lei ela mesma (BUTLER, 2003, p. 50), esses poetas underground destoavam às normas regularizadoras em meio ao regime ditatorial e acabam por contribuir para a produção e preservação de uma memória LGBTQIA+ do Brasil, a partir de uma busca de seus direitos, enquanto cidadãos e cidadãs.

Em nossa exposição, faremos uma breve reflexão sobre o conceito de **paratopia**, de Maingueneau (2006), em diálogo com o contexto de produção em que essa literatura ctônica, alternativa, veada e sapatônica é produzida: o regime ditatorial brasileiro. Ademais, teceremos observações em 05 textos presentes na seção literatura do Lâmpião da Esquina, de Leila Mícolis, Franklin Jorge, Cassandra Rios e Fernando Pessoa, respectivamente – observando como o corpo e o desejo performam diante dessa produção literária.

---

<sup>3</sup> Todas as edições do Lâmpião da Esquina disponíveis em: < [https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/?view\\_mode=cards&perpage=12&paged=1&order=ASC&orderby=date&fetch\\_only=thumbnail%2Ccreation\\_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch\\_only\\_meta=](https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/?view_mode=cards&perpage=12&paged=1&order=ASC&orderby=date&fetch_only=thumbnail%2Ccreation_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch_only_meta=) >.

## 1. **Lampião da Esquina: um jornal nanico e de bichas na ditadura**

O periódico *Lampião da Esquina* foi o jornal gay, e da imprensa nanica, feito no Rio de Janeiro, mas que foi distribuído por todo o Brasil, mesmo com muita dificuldade, entre os anos de 1978 e 1981, momento “mais brando” da censura instaurada no Golpe de 1964, momento esse que é conhecido como “abertura política”, o qual dialoga o advento das primeiras organizações do movimento gay e lésbico em nosso país, na segunda metade da década de 70 (RODRIGUES, 2007), os grupos Somos: Grupo de Afirmação Homossexual e Galf (Grupo Ação Lésbica Feminista). O conselho editorial do *Lampião*, teve como modelo a revista estadunidense também homossexual, *Sunshine*, que fora idealizada por Winston Layland.

A comunidade LGBTQIA+ nos anos de chumbo era invisibilizada, permeava guetos e quando exposta nas mídias, era de forma caricata. E desde seu primeiro número, a edição zero, o *Lampião* passa por algumas fases: mesmo trazendo notícias e pautas polêmicas e provocações desde a edição especial de número zero, é na sua reta final que o jornal se demonstra mais ousado: muitas vezes trazia homens e travestis desnudos em suas capas e até em seu conteúdo, trazendo ensaios fotográficos em uma perspectiva mais sensual e homoerótica.

O período de “abertura política”, que envolve os anos de 1978 e 1985, oportunizou as reivindicações das minorias sociais em nosso país, assim o *Lampião da Esquina* tenta nesse período “[...] criar um sentimento de pertencimento e autoaceitação aos praticantes do amor entre os iguais” (RODRIGUES, 2007, p. 74), sendo um dos primeiros (se não o primeiro) instrumento de resistência que ancoram bens e políticas públicas que vêm, inclusive, sendo alcançadas pela comunidade LGBTQIA+ nos dias atuais. Vemos que mesmo nesse período de censura, o *Lampião da Esquina* enquanto suporte discursivo, desde a capa à seção do leitor, “Cartas na mesa”, trazia enunciados que marcavam ideologicamente as preocupações e experiências dos excluídos. O jornal era todo político, desde a escolha da expressão que o nomeia, “lâmpião”, a qual fora empregada com sentido ambíguo: “[...] num primeiro momento, ela simboliza a luz que ilumina; noutra, ela faz referência ao cangaceiro Lampião. O símbolo é o rosto do cangaceiro Lampião estilizado” (RODRIGUES, 2007, p. 113) e, parece se constituir, ainda, a partir da figura de um pênis.

Excedendo aquilo que foi posto anteriormente sobre o nome do jornal por Rodrigues (2007), podemos entender a figura do cangaceiro lâmpião como um símbolo

ambivalente: um ícone de masculinidade em um jornal gay (ARCANJO, 2018) feito para a comunidade LGBTQIA+, apontando para uma guerrilha à censura e aos padrões hegemônicos: um lampião que está “na esquina”, esse lugar que “[...] como disponibilização conceitual que aponta outras possibilidades de problematização da vida” (RUFINO, 2019, p. 267), ou seja, um território daqueles e daquelas que estão em situação de subalternidade: travestis, michês, prostitutas e sujeitos em situação de vulnerabilidade social – uma fronteira cambiante, visto que muitas dessas esquinas se fazem em encruzilhadas: encontros de caminhos, que levam para caminhos outros, que para o ser negligenciado socialmente é sinônimo, muitas vezes, de não saber para onde ir ou quem (ou o que) encontrar. O símbolo, em nossa análise, ainda se parece com o órgão sexual masculino.

Figura 1 – Símbolo do periódico *Lampião da Esquina*, retirado da Edição 36.



Fonte: *Printscream* feito na Edição 36.

Rodrigues (2007) expõe que antes do *Lampião* outras publicações longe dos moldes da grande imprensa – material xerocopiado, mimeografado ou datilografado – se dispuseram a trazer as experiências homossexuais para o âmbito jornalístico, como o refinado *O beijo*<sup>4</sup>. Esse tipo de material era considerado de uma imprensa “nanica”, palavra adotada pela maioria dos jornais alternativos, os quais não estavam ligados ao regime autoritário dominante: entre os anos de 1964 e 1980, cerca de 150 veículos alternativos de informação que se opunham à ditadura nasceram e morreram, sendo a imprensa nanica uma opção para os sujeitos excludentes e que tinham o desejo de protagonizar as transformações sociais que as gerações das décadas de 60 e 70 tanto almejavam (KUCINSKI, 1991).

O lançamento da primeira edição do nanico, a de número zero em 1978, potencializou as movimentações dos gays paulistas que instituíram o Grupo Somos, o

<sup>4</sup> De acordo com Rodrigues (2007), *O beijo* não era propriamente produzido para o público LGBTQIA+, mas via o prazer enquanto instrumento político, de luta e modo de vida.

qual consolidou o movimento LGBTQIA+ no Brasil, refletindo, ainda, no desenvolvimento dessas identidades contra-hegemônicas (GREEN, 2000). O *Lampião* não era apenas um jornal de bichas feito para bichas proibido para menores de 18 anos, pois não, em trocadilho, iluminava apenas as pautas que envolviam a homosociabilidade e a “bixórdia”: as experiências LGBTQIA+ eram o pontapé para direcionar seu leitor a outras temáticas que as envolviam como a ecologia, a violência de gênero, o racismo, a prostituição (trans, feminina e masculina), o sexo entre/ com pessoas com deficiência:

[...] o *Lampião*, durante os seus três anos de existência, publicou um número considerável de matérias relacionadas ao feminismo, várias delas com chamadas na capa. Discutia-se, por exemplo, as questões do aborto e do estupro, houve ampla cobertura do 1º e do 2º Congresso da Mulher Paulista e do Encontro Nacional de Mulheres de 1979, e o número dedicado ao 1º Encontro de Grupos Homossexuais tinha na capa uma enorme foto de uma militante lésbica (MACRAE, 2018, p.146).

Nesse sentido, apesar de o conselho editorial do *Lampião* ser composto por homens (bichas), mulheres também contribuíram com sua escrita no periódico, tendo, inclusive, algumas edições trazendo manchetes que evidenciavam o movimento feminista ou a produção artística e literária feminina da época, por exemplo, assim como as travestis que também tiveram seu espaço em capas do periódico. O jornal também trazia seções mais voltadas para o entretenimento, além das artes e da literatura, o cinema e a divulgação de pontos de pegação tiveram seu espaço, assim como a promoção do diálogo (à distância) entre os leitores.

Até o seu apagamento, em 1981, o *Lampião da Esquina* representou um espaço de debate político para questões não apenas relativas à homossexualidade masculina, mas aos sujeitos marginalizados em geral: travestis, negros, lésbicas, artistas, prostitutas e michês; trazia conteúdo do jornalismo policial sem ridicularizar esses sujeitos, mas em vias de segurança pública para essas classes, diferentemente de periódicos alternativos que vieram antes, como o *Pasquin*, ou veículos da grande imprensa, que caricaturavam essas minorias. O *Lampião* se fez luz nas esquinas e encruzilhadas das bichas, sapas e travas que tinham suas experiências, anseios e desejos ignorados pela maioria da sociedade brasileira. O *Lampião* foi um suporte discursivo de reflexão e debate, enquanto esteve aceso – e hoje um instrumento que compõe a memória LGBTQIA+ brasileira.

## **2. A literatura no *Lampião da Esquina* – um lugar de paratopia**

Mainueneau (2006), acerca do conceito que a paratopia, diz que este é um não lugar em que o texto literário, enquanto discurso constituinte, é validado (ou invalidado)

por uma cena enunciativa. Dessa forma, os autores e autoras que contribuíram com a seção “Literatura” participavam de uma topografia social dissidente, haja vista que a ditadura cis-hétero-militar era uma espécie de “ordem do discurso”, que permitia o que e quem poderia enunciar. Na obra *Discurso Literário* (2006), Maingueneau comenta sobre uma emergência discursiva e até amplia – fazemos assim essa reflexão – algumas categorias bakhtinianas as quais envolvem a ideia da categoria linguística de enunciado que vem situado histórico, social e ideologicamente:

Mediante essas correntes enunciativas e pragmáticas, impôs-se progressivamente outra forma de abordar a comunicação verbal e não-verbal, expressa nas seguintes idéia-força: o discurso, como atividade, a primazia da interação, a reflexibilidade da enunciação, a inscrição dos enunciados em gêneros do discurso, uma concepção institucional de sentido, de inseparabilidade entre texto e contexto etc (MAINGUENEAU, 2006, p. 34).

Na perspectiva de Maingueneau, o texto literário se produz na fragmentação das posições do autor e de seus leitores (receptores). Transpondo essas concepções para a literatura presente no periódico aqui em questão, são válidas as condições de enunciação dos autores e autoras que contribuíram com a seção literatura do periódico *Lampião da Esquina*, que viviam em meio a um contexto de necropolítica<sup>5</sup> (2018): um Brasil em que os poderes políticos, oriundos da ditadura cis-hétero-militar exerciam o controle dos sujeitos, ditando (regulando, nas palavras de Mbembe) quem poderia viver, morrer e, por nossas reflexões, enunciar. Por isso, acreditamos que, ao analisarmos uma instituição literária, é preciso observar também as normas sociais, expectativas e convenções culturais que envolvem esse evento discursivo (MAINGUENEAU, 2006).

A relação entre necropolítica, de Mbembe (2018), e biopolítica, de Foucault (2001), é relevante para observamos como o regime ditatorial brasileiro atuava sobre as populações, sobretudo às mais marginalizadas, tanto em termos de resguardo das classes que tinham direito à vida, quanto aquelas que deveriam ser controladas pelas políticas de morte. Enquanto a biopolítica diz respeito à regulação e o governo da vida, a necropolítica refere-se à soberania estatal acerca da morte e da violência. Vemos que ambos os conceitos se complementam, pois destacam como o poder político atua de forma

---

<sup>5</sup> Mbembe (2023) põe em tela que as sociedades contemporâneas, principalmente nas que são oriundas do colonialismo, são demarcadas pelo racismo e pela desigualdade, e a divisão entre quem pode viver e quem deve morrer é um substrato do poder político. A necropolítica, dessa forma, reforça as hierarquias, perpetua injustiças – se pensarmos em países que passaram por ditaduras (Brasil, Chile, Colômbia e Venezuela), eles também sofreram com os processos de colonização.

complexa e multifacetada sobre a existência humana. No entanto, esses conceitos/categorias se opõem em seus objetivos: a biopolítica na instrumentalização de gestão e controle da vida e a necropolítica na gestão da morte como engrenagem de poder.

O status de paratopia imprime na recepção do leitor, por conta das condições de produção, como o discurso literário é interpretado e recebido por seus leitores, porque as condições da vida do autor, da autora ou de autories<sup>6</sup> pode impactar na autoridade (ou a falta dela) nessa relação de recebimento do discurso, porque “[...] não se podem separar a instituição literária e a enunciação que configura um mundo, o discurso não se encerra na interioridade de uma intenção” (MAINGUENEAU, 2006, p.43). Assim, pensando no texto literário presente no *Lampião*, como também nos outros gêneros que abarcavam o periódico, o jornal era um espaço de enunciação daqueles que não poderiam se posicionar e que não eram reconhecidos nem pelas esquerdas e muito menos pela direita – haja vista que (sobre)viviam em uma necropolítica, uma topografia de interdição pela censura, pois suas obras eram proibidas para circulação, como foi o caso de Cassandra Rios, pois 36 de suas 40 obras foram censuradas. Foucault considera a categoria de autor como uma das condições de rarefação de discurso: “[...] que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (FOUCAULT, 2015, p. 91).

Autores como Fernando Pessoa, Antônio Boto e Abelardo Castilho, embora estrangeiros, contribuíam para a consolidação da seção de literatura como uma instituição literária. Essa seção costumava apresentar escritores ctônicos e underground, que eram pouco apreciados tanto pelo público quanto pela crítica na época. Muito dos autores do *Lampião*, presentes na seção “Literatura”, ainda estavam em uma posição marginalizada e mesmo em período de abertura política, a sociedade civil ignorava as vivências de sujeitos LGBTQIA+, como se suas sexualidades e corporalidades os despissem de suas condições de cidadão (AFONSO-ROCHA, 2021), logo as literaturas viadas, bichas e sapatônicas também eram invalidadas.

Afonso-Rocha (2021) aponta que a ditadura cis-hétero-militar invisibilizava sexualidades, corporalidades e enuciabilidades de gays, lésbicas, transexuais e qualquer

---

<sup>6</sup> Optamos aqui por modalizar com a linguagem inclusiva para evidenciar outras identidades de gênero, a fim de evitar a exclusão de pessoas que não se identificam com os gêneros masculino ou feminino, e escreveram ou escrevem literatura.

outro sujeito que destoasse do padrão cis-hétero-militar imposto por aquele contexto de necropolítica. Pensando nesses autores, que escreviam/enunciavam acabavam por não cair num esquecimento, como as vivências de seus pares, por isso, partimos da hipótese de que essa autoria ocupava um lugar paratópico, uma topografia social impossível, que Maingueneau chama de, em um de seus exemplos em *Discurso Literário* (2006), “[...] uma insuportável condição de homem de talento andarilho que a ordem aristocrática condena à obscuridade” (MAINGUENEAU, 2006, p. 94), um (não) lugar paradoxal e indefinido, onde a figura do autor, enquanto produtor de sua obra, fica entre o que está sendo produzido socialmente e o que poderá ser produzido, em que as condições discursivas vigentes legitimam sua enunciação literária. Essa legitimação de seus discursos, de modo igualmente paradoxal, dá-se nas circunstâncias da ilegitimação dos mesmos discursos sob a censura e da perpetuação de sua memória no escrito, que será lido e relido como arquivo das subjetividades dessa época.

Entendemos esse conceito de paratopia, como uma particularidade daqueles discursos que Maingueneau (2006) chama de discursos constituintes (para o autor, os enunciados literário, religioso e político são colocados nessa categoria): discursos de origem, que precisam ser validados por um cenário de enunciação:

A noção de cenografia se apoia na ideia de que o enunciador, por meio de uma enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar. Todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende de fato, suscitar a adesão dos destinatários instaurando a cenografia. Esta é imposta logo de início, mas deve ser legitimada por meio da própria enunciação. Não é simplesmente um cenário; ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cenografia da qual a fala vem é precisamente a cenografia requerida para enunciar como convém num ou noutro gênero discurso (MAINGUENEAU, 2015, p. 123).

Nessa perspectiva, quando pensamos nos enunciados que circulavam no Lampião da Esquina, vemos que é a ditadura (cis-hétero) militar que autoriza (e desautoriza) a enunciação de sujeitos contra-hegemônicos – como foi dito anteriormente, uma espécie de “ordem do discurso”. Pensando nessa literatura lampiônica, geralmente, de autores mais alternativos, pouco lidos, vemos um movimento literário paratópico, que está em um paradoxo constitutivo: escrevem em meio ao período ditatorial, frente a um regime de censura, uma política de morte e, ainda assim, tentam se valer como literatos – e é isso que torna a seção “Literatura”, do Lampião da Esquina, que nem esteve presente em todas as edições do jornal, apenas em 23, em um lugar de paratopia: são autores que pouco ou não conseguem publicar devido ao contexto (exterior) o qual envolve seus textos, sendo esse espaço do Lampião, um lugar de arte-ação, por meio de subjetividades,

sexualidades e corporalidades tidas como incomuns: “ [...] o lugar de uma performance dissonante e desnaturalizada” (BUTLER, 2003, p. 210).

Dessa forma, vemos a seção “Literatura” do Lampião da Esquina como um (não) lugar, um espaço de paratopia, de uma enunciação escrita, poética e subjetiva – em que esses sujeitos-autores escrevem na impossibilidade do dizer. Veríamos, inclusive um (não) lugar de autoriza essa ilegítima legitimação literária dos anos de chumbo. E mais que isso, um lugar de representação dessa dada sociedade, haja vista que escritores, e artistas em geral, de acordo com Maingueneau (2006), tendem a representar os pensamentos e os sentimentos de seus contemporâneos, porque o espírito do autor tende a imprimir o espírito de sua época.

Afonso-Rocha (2021) pontua que a literatura lampiônica não pode ser considerada uma literatura marginal, haja vista que sujeitos com sexualidades não hegemônicas não se encontravam à margem da sociedade nesse período, porque a margem ainda é um lugar que pode ser visto. Rocha (2021) utiliza o termo “ctônico”, originado do grego, que se refere aos “[...] deuses e espíritos do mundo subterrâneo ou telúrico” (AFONSO-ROCHA, 2021, p. 75): ele relaciona esses deuses a esses autores do underground, argumentando que suas obras não eram consideradas (boa) literatura no regime ditatorial. Assim, esses textos se encontravam em uma emergência enunciativa, numa zona paratópica e de ilegibilidade. É por isso que Afonso-Rocha (2021) introduz o conceito de literaturas ctônicas para descrever a voz poética e literária presente em nosso substrato, a seção “Literatura” presente no Lampião da Esquina:

Esse cenário define um processo linear: primeiro, a necessidade de exprimir-se, em seguida, a concepção de um sentido, depois a escolha de um suporte e um gênero, vindo a seguir a redação, a busca de uma instância de difusão, a descoberta hipotética de um destinatário e por fim o eventual reconhecimento de legitimidade literária de seu autor. Deve-se preferir a esse esquema os dispositivos de comunicação que interagem ao mesmo tempo o autor, o público e o suporte material do texto, que não considerem o gênero invólucro contingente, mas parte da mensagem, que não separem a vida do autor do estatuto de escritor, que não pensem na subjetividade criadora, independentemente de sua atividade de escrita. A legitimação da obra não é um tipo de consagração final, improvável, que venha atestar seu valor, ela organiza o conjunto do processo de constituição de obras em função de uma antecipação de seu modo de difusão. Mesmo em seus mais solitários trabalhos, o escrito deve sem cessar situar-se de normas da instituição literária (MAINGUENEAU, 2006, p. 45).

Nesse sentido, conforme a citação de Maingueneau, uma instituição literária consiste em várias convenções que irão regular a produção, a veiculação e até a recepção de um texto literário em dado contexto social, histórico e ideológico. Essas regras moldam as normas de um gênero discursivo, a estilística do texto e a expectativa de quem lê essa

literatura, assim como a dos críticos, assim como as práticas editoriais de como essa literatura será recebida e interpretada. Dessa forma, a seção “Literatura” do Lampião da Esquina se torna uma instituição literária de protesto, de contestação, de visibilidade a outras formas de amor e corporalidades – literaturas ctônicas que problematizam e expõem o subterrâneo, principalmente, para os seus pares.

A censura é um forte braço da ditadura cis-hétero-militar brasileira, porque ela “[...] aparece como o silêncio imposto a determinada região do dizível e do visível (AFONSO-ROCHA, 2021, p. 70). Por isso, a embreagem paratópica cabe ao texto literário presente no Lampião da Esquina, porque é um suporte discursivo que demarca uma política (de dizer) editorial, como bem é posto na seção “Opinião” da edição especial de número zero: “[...] é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele” (LAMPIÃO ESQUINA, 1978, p. 02).

Por meio das reflexões aqui presentes, tomamos a literatura presente no Lampião da esquina como um lugar de paratopia, enunciados concretos quem vem situados histórico, sócio, ideológico e culturalmente<sup>7</sup> pela censura e pelas políticas de morte oriundas da ditadura cis-hétero-militar brasileira e que hoje não podem ser vistas apenas como um lugar de inferioridade por comporem um componente de um periódico alternativo, porque esse lugar de paratopia organiza-se em consonância a uma dada realidade, uma relação com algo que aconteceu na história de nosso país, além de colocar em tela como sujeitos LGBTQIA+ resistiram ao contexto de necropolítica oriundo do regime militar.

### **3. Literatura lampiônica: *ethos* orgástico, lugar paratópico**

Para a produção de nosso recorte de análise, visamos compreender como a categoria de “autor” aparece na seção “Literatura” do periódico Lampião da Esquina e como esse movimento subjetivo e poético hoje nos serve como um instrumento de representação e resgate da memória LGBTQIA+ brasileira, haja vista que um discurso constituinte (neste artigo, o texto literário), independentemente do gênero discurso que o envolve em sua posição paratópica, confere sentidos às ações de coletividades e fundem

---

<sup>7</sup> Inclusive, até a noção de sexo é um produto da construção cultural do gênero, de acordo com Butler (2003).

na e por sua enunciação: enunciadores legitimados que contribuem para a elaboração de uma memória (MAINGUENEAU, 2006).

A seção “Literatura” do *Lampião* apareceu em 23 edições das 41 publicadas. A seção era organizada por Glauco Mattoso ou Gasparino Damata, que também são escritores. Muitos dos literatos selecionados não faziam parte daquilo que Foucault (2001) denomina tradição textual. Seguem os nomes dos referidos autores: a) Edição especial (nº zero) conta com Leila Míccolis e Franklin Jorge; b) Edição nº01 tem textos de Mário de Andrade, Augusto Frederico Schmidt e Sosígenes Costa; c) Edição nº 3 conta com Jean Genet, Políbio Alves e Tony Pereira; d) Edição nº 04 conta com Constantino Cavali; e) Edição nº 13 tem dois poemas de Fernando Pessoa; f) Edição nº 14 conta com dois poemas de Mário de Andrade; g) Edição nº 15 tem poemas de Renata Palottini, Ulisses Tavares e Fernando Wide; h) Edição nº 16: Antônio Botto; i) Edição nº 17 conta com Valério Perellechin e José Renato Pimentel e j) Edição nº 18 conta com Mário Faustino.

Observamos que o jornal traz nomes conhecidos e até consagrados, como Fernando Pessoa e Mário de Andrade, o que suscitamos que poderia ser, na época, uma maneira de legitimar essa seção como uma instituição literária, visto que ela destacou muitas vezes autores ctônicos no que tange ao contexto literário daquele contexto: Cassandra Rios, Leila Míccolis, Mário Faustino, dentre outros. Para analisarmos esse lugar paratópico, trouxemos alguns enunciados literários da Edição de número zero, de nº 1, nº 5 e de nº 15. Começamos com “Poema para teus seios”, de Leila Míccolis:

Cerro os olhos pra não ver,  
e mãos para não apalpar  
e bocas pra não chupar  
teus seios.  
Desejo beber teu leite,  
azeite de oliva branca,  
e provar com minha língua  
o macio de teu peito.  
E se em inútil trabalho  
te afasta a blusa de mim,  
eu, por inúmeros meios,  
cerro olhos pra ver  
e bocas para chupar  
teus seios (MÍCCOLIS, 1978, p.10).

Míccolis traz uma voz poética que, textualmente, não podemos dizer se é feminina ou masculina. Começa o poema afirmando que quer vedar os olhos para não ver, afastar as mãos para não apalpar, mas que deixa claro que almeja e tem desejo de “chupar” os

seios de uma moça, inclusive, comentar querer “[...] beber teu leite/ azeite de oliva branca”. A ideia de fechar os olhos e as mãos nos remete à ideia de pecado posta na Bíblia: “E se seu olho induz a pecar, arranque-o e jogue-o fora. É melhor entrar na vida com o olho só do que, tendo os dois, ser lançado no fogo do inferno” (MATEUS 18:9). O vendar dos olhos e o atar das mãos podem ser compreendidos também como uma maneira de se esconder das garras da ditadura, mesmo o prazer a essa outra corporalidade estando ali. A produção de Míccolis é tida por Afonso-Rocha (2021) como uma profanação poética que coloca em tela um *ethos* orgástico.

Da edição de número 01, escolhemos o soneto de Mário de Andrade, que segundo o curador da edição, Gasparino da Mata, “a maioria dos poemas recebidos não chegou a tempo para a seleção prévia”, por isso Andrade entra no componente, juntamente de Sosígenes Costa e Augusto Frederico Schmidt:

Aceitarás o amor como eu o encaro?...  
 ...Azul bem leve, um nimbo, suavemente  
 Guarda-te a imagem, como um anteparo  
 Contra estes móveis de banal presente.

Tudo o que há de melhor e de mais raro  
 Vive em teu corpo nu de adolescente,  
 A perna assim jogada e o braço, o claro  
 Olhar preso no meu, perdidamente.

Não exijas mais nada. Não desejo  
 Também mais nada, só te olhar, enquanto  
 A realidade é simples, e isto apenas.

Que grandeza... a evasão total do pejo  
 Que nasce das imperfeições. O encanto  
 Que nasce das adorações serenas  
 (ANDRADE, 1978, p. 10).

Andrade, mesmo com uma escrita moderna, traz uma forma poética clássica, a de soneto. O autor, como é característico de seu trabalho, traz rimas opulentas, ricas e vigorosas – as quais fazem um jogo rímico e uma sequência lógica do soneto. Apesar de termos um enunciado poético, o eu lírico se vê em uma prosa: questiona se o outro sujeito encara o amor da mesma forma que ele, segundo Lafetá (1994), esse outro, silencioso, é Manuel Bandeira. Há um movimento quase paradoxal nessa estrutura, haja vista que soneto é uma estrutura, mas Andrade de uma forma mais despojada de dizer celebra o corpo do outro: “Tudo o que há de melhor e de mais raro/ Vive em teu corpo nu de adolescente”. E mesmo esse tecido literário tendo um leve movimento erótico, ainda é

citada no poema a cor azul, que remete à tristeza e à melancolia (CORRÊA, 2017), ressaltamos ainda que em inglês a palavra “blue” refere-se à depressão e à tristeza, além disso sobre o simbolismo da cor azul:

existe o inegável simbolismo negativo da cor azul, se você se sentir azul, você está triste. Cantar o blues é cantar músicas de melodia melancólica. [...] numerosas referências na literatura ligam a cor azul com a tristeza, incluindo a citação lírica de Geoffrey Chaucer "com lágrimas azuis e com coração ferido" em seu poema "The Complaint of Mars". [...]O azul é cativante e atraente. É expansivo. Muitas vezes, o azul significa espaço. O azul é fundamentalmente uma cor expansiva, uma cor que fala de liberdade, deserto e espaço - espaço infinito – expansão do espaço (CORRÊA, 2017, p. 105, apud LONDON PROFESSIONAL ARTISTS NETWORK, 2016, np).

Nesse sentido, podemos perceber que a cor azul nessa relação com a tristeza é multifacetada em várias produções culturais (literatura, arte e música), haja vista que simboliza um estado negativo, de melancolia e desânimo. As referências de Geoffrey Chaucer, acima, destacam essa relação histórica, ratificando que a cor azul é um signo de experiências emocionais densas; o estilo musical blues encapsula a nostalgia e estados de emoção exacerbada, inclusive.

Da edição de número 05, temos “A hora do amor”, de Cassandra Rios, que faz parte do livro *A santa vaca* (1978). É válido ressaltar que Rios foi a autora mais censurada pela ditadura cis-hétero-militar, de acordo com a Comissão Nacional da Verdade, em 2014 (ROCHA, 2021). A edição traz também a autora na capa devido a uma entrevista cedida ao *Lampião*:

Figura 2 – *Lampião da Esquina*, nº 05, outubro de 1978.



Fonte: Site do Grupo Dignidade.

Na narrativa em questão, a narradora se questiona sobre o amor:

O que é o Amor? Pergunta milenar; o Amor interpretado conforme a conveniência de cada um, definido como afeição profunda, conjunto de fenômenos cerebrais e afetivos que constituem o instinto sexual. Destrinchado pelos filósofos como a sublimação da alma, a elevação do espírito. Discutido em todas as ciências, religiosas como o gênese da vida. A idéia Fundamental de Um Poderoso Rei das Alturas (RIOS, 1978, p. 16).

Além desses questionamentos sobre o amor, a narradora-personagem cita passagens de sua infância, quando brincava de “casinha” com seus vizinhos meninos, em que um deles quebrou o pinto nessas brincadeiras de caráter sexual-afetiva (que para ela não significavam nada). A narradora-personagem ainda tece sobre a violência masculina diante dos corpos femininos – e ela chama o homem que ataca uma mulher só para gozar de tarado obscuro (RIOS, 1978). A narrativa, apesar de erótica, não deixa de trazer uma denúncia acerca do abuso e das violências sexuais sofridas por meninas e mulheres.

O próximo enunciado a ser analisado foi publicado na edição de nº 15, “Canto das minorias”, de um autor chamado Fernando Wide que acreditamos ser uma pseudônimo, haja vista que “[...] os escritores que se valeram de táticas diretas e explícitas contra a ditadura e os que optaram por caminhos discretos, por assim dizer” (SILVA, 2024, p. 18). Possivelmente, um escritor despreocupado com a condição de autor ou um leitor que não deseja ter seu nome vinculado à produção do periódico e até a sua própria poesia, porque até o momento não encontramos nenhuma demarcação autoral desse nome em sebos, em bibliotecas e na internet:

sinto uma distância imensa entre nós  
 mesmo quando  
 cavalgadas em meu dorso suado  
 distância cada vez maior  
 até mesmo quando  
 como um potro arisco  
 persegues minhas ancas cansadas  
 nessas horas  
 teu galope  
 é como bater de meu coração (WIDE, 1979, p.08).

Mais um poema envolvido por *ethos* orgástico, um eu lírico que se reconhece como minoria, e vai colocando suas angústias e prazeres em versos irregulares, um lugar de contradição: possivelmente fatores sociais tecem essa distância, que pode ser tanto cotidiana quanto um momento de prazer, em que essa voz poética é somente animalizada: “um potro arisco”, perseguido e desejado por suas “ancas” e que, provavelmente, não é escolhido para ser amado – cremos nisso, porque há a comparação do bater de seu coração como um “galope”, uma ação sexual, no corpo do outro.

A seção “Literatura”, da edição nº 15, também traz uma minibiografia de Renata Pallontini, além de um poema seu e de mais um outro autor: Ulisses Tavares. Nesse número, há divulgação de uma novela de Aguinaldo Silva, *No país das sombras* (1979), que se fundamenta em um romance homoerótico entre dois soldados; há também a divulgação de um copilado de contos, uma espécie de antologia intitulada de *Queda de Braços*, que, segundo o próprio Lampião, é “Uma antologia de contistas mal comportados, danados, lampiônicos, satânicos, bêbados, travessos e nem um pouco deslumbrados, organizada por Glaucio Matoso e Nilton Maciel” (LAMPIÃO DA ESQUINA, ANO 2, Nº 15, 1979). Também vemos que os textos literários ali presentes dialogam com as notícias publicadas pelo Lampião, como é o caso da poesia “Distância”, de Ulisses Tavares, também da edição de número 15, que traz uma entrevista com Abdias Nascimento, nome importante no movimento negro do Brasil:

O índio não pode caçar.  
 O negro não pode faltar.  
 O poeta não pode sonhar.  
 O homossexual não pode amar

Das minorias  
 nenhuma dessas  
 (consolo e esperança)  
 é aquela que decreta  
 que a maioria não pode comer (TAVARES, 1979, p.08).

Esse poema traz só duas estrofes, tem versos irregulares, e na primeira estrofe rimas com mesma terminação “-AR”, juntamente do sujeito-poeta, o indígena, o negro e o homossexual, são mencionados como aqueles que não determinam os fluxos de uma vida em sociedade. Os substantivos abstratos, consolo e esperança, na segunda estrofe composta por rimas brancas, são equiparados às minorias colocadas na estrofe primeira: distantes de uma estabilidade social, fazendo um diálogo com o título do poema. Por esse enunciado lírico, mencionamos Foucault (2001), que pontua que a função do autor é uma particularidade de uma existência social e do funcionamento de certos discursos em uma dada sociedade.

Enquanto lugar de paratopia, vemos que é nessa seção é um dos poucos espaços que esses escritores ctônicos, com suas vozes emudecidas pela censura da ditadura cis-hétero-militar, podem circular, haja visto que ainda destoam da ordem discursiva imposta pelo regime ditatorial. Silva (2024), pontua que diante da censura e repressão ditatorial, vários foram as formas de resistência dos literatos que eram contra a esse período: “[...] desde o combate direto com livros inteiros de crítica ao regime até atitudes discretas frente à questão, caso de poemas esparsos de resistência no interior de livros com temáticas variadas sem conexão com o ambiente autoritário de então. (SILVA, 2024, p. 18). Devido à censura nesse período de necropolítica cis-hétero-militar, muitas dessas literaturas ctônicas, atualmente, são de difícil acesso, muitas circulavam em periódicos alternativos, podendo ser encontradas na internet, todavia, muito do que foi produzido saiu em pequenas tiragens, geralmente de forma manual e caseira.

### **Considerações finais**

Em nossas análises percebemos que, mesmo sendo um periódico nanico do período ditatorial brasileiro, a literatura do Lampião não trata especificamente da ditadura, mas de subjetividades que acompanham as vivências, o corpo e o desejo de sujeitos que estavam à margem da margem da sociedade da época, um lugar subterrâneo que, como Rocha (2021) ressalta, era habitado por sujeitos ctônicos que fazem uma literatura ctônica.

O aporte teórico exposto nos possibilitou perceber o papel crucial do Lampião da Esquina para a comunidade LGBTQIA+ brasileira. Na seção “Literatura” de nosso objeto de pesquisa, vemos enunciados constituídos por sujeitos que produziram um tecido textual literário, mas que muitos não puderam ocupar lugares de prestígio ao que tange

os meios de publicação e venda e distribuição hegemônica de literatura por conta da ditadura cis-hétero-militar vigente – autores que tiveram suas condições de dizer censuradas, pois, mesmo publicando na seção “Literatura” do *Lampião da Esquina*, isso não dava garantia de que seriam lidos, haja vista que a embreagem paratópica aqui é demarcada pela censura, pela necropolítica. Em uma perspectiva de resistência e em uma política de dizer, o *Lampião da Esquina* demarcou um espaço político que contribuiu e ainda ecoa na hodiernidade.

Vemos ainda que, por meio de destoante performatividade (BUTLER, 2023), esses escritores ctônicos desemparelham às normas regularizadoras em meio ao regime ditatorial e necropolítico e acabam por contribuir para a produção e preservação de uma memória LGBTQIA+ do Brasil – haja vista que o advento do *Lampião da Esquina* ocorre no mesmo período de surgimento dos primeiros grupos organizados de gays e lésbicas (Somos e Galf) em busca de seus direitos, enquanto cidadãos e cidadãs.

A partir de nosso substrato de análise pudemos compreender como o corpo e o desejo se dão na poética desses escritores, principalmente dos até então ctônicos: inserem-se socialmente no campo das letras representando, coletivamente, outras possibilidades de vivência quando não invisibilizadas, perseguidas pelo antigo regime cis-hétero-militar. Por meio de símbolos corpo e desejo são validados na literatura lampiônica, tornando-se uma topografia social de embate, resistência e de consolidação de identidades sexuais não-hegemônicas: a emancipação de corpos e desejos sob a repressão oriunda da gestão cis-hétero-militar da ditadura brasileira, é a literatura revelando experiências humanas, tida como abjetas, que para muitos leitores do *Lampião* daquele contexto seriam inconcebíveis.

Ademais, a seção “Literatura”, esse espaço paratópico, também cede um lugar a um *ethos* orgástico de exposição de angústias e de denúncia social, dialogando inclusive com os conteúdos do *Lampião da Esquina*, independentemente de suas fases. Vemos que esse complemento do periódico, também não se valia apenas de autores ctônicos, mas daqueles conhecidos, alguns estrangeiros – inclusive, o que pôde ajudar a seção “Literatura” ser tida como uma instituição literária, pensando aqui nas regras e convenções que regulam a convenção e recepção dos textos literários em um determinado tempo, espaço, cultura e ideologia dominantes.

## Referências

AFONSO-ROCHA, Ricardo. Um lampião ilumina as esquinas da literatura. *Itinerários*, Araraquara, n. 50, p. 57-82, jan./jun. 2020.

AFONSO-ROCHA, Rick. *O perigo cor-de-rosa: Ensaio sobre a deimopolítica*. 1. ed. - Salvador, BA: Devires, 2021.

ARCANJO, Fábio Ávila. “Lampião da Esquina”: um veículo jornalístico voltado para o público gay analisado à luz da teoria semiolinguística. *Revista Ininga*.ISSN 2359-2265, v. 5, n. 1, p. 35-49, 2018.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CORRÊA, Valdriana Prado. Azul na história da arte. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de História da Arte, Porto Alegre-RS, 2017.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. In: Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant / A Ordem do Discurso; tradução: Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail e Laura Fraga de Almeida Sampaio - São Paulo: Folha de São Paulo, 2015 - Coleção Folha. Grandes nomes do pensamento, v: 6), p. 81 -110.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: A homossexualidade do Brasil do século XX.*; Tradução de Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. – São Paulo: Editora UNESP, 2000.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.

LAFETÁ, João Luiz. *Figuração da intimidade: Imagens na poesia de Mario de Andrade*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Edições (1978-1981)*. Disponível em: < [https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/?order=ASC&orderby=date&view\\_mode=cards&perpage=12&paged=1&fetch\\_only=thumbnail%2Ccreation\\_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch\\_only\\_meta=/](https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/?order=ASC&orderby=date&view_mode=cards&perpage=12&paged=1&fetch_only=thumbnail%2Ccreation_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch_only_meta=/>) >. Acesso em 30 de mar. de 2024.

LAMPIÃO DA ESQUINA, EDIÇÃO EXPERIMENTAL, Nº 0, 1978. Disponível em: < Disponível em: < [https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/0-ed-jornal-lampiao-da-esquina-abril-1978/?order=ASC&orderby=date&perpage=12&pos=0&source\\_list=collection&ref=%2Fjornal-lampiao-da-esquina-1978-1981%2F](https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/0-ed-jornal-lampiao-da-esquina-abril-1978/?order=ASC&orderby=date&perpage=12&pos=0&source_list=collection&ref=%2Fjornal-lampiao-da-esquina-1978-1981%2F) >. Acesso em 08 de fev de 2023.

LAMPIÃO DA ESQUINA, ANO 2, Nº 15, 1979. Disponível em: < Disponível em: < <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/19-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-15-AGOSTO-1979.pdf> >. Acesso em 18 de ago de 2023.

MACRAE, E. O jornal Lampião da Esquina. In: *A construção da igualdade-política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”* [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, pp. 137-164. ISBN 978-85- 232-1998-7. <https://doi.org/10.7476/9788523219987.0011>.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*; tradutor Adail Sobral. - São Paulo: Contexto, 2006.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

QUINALHA, R. Uma ditadura hétero-militar: notas sobre a polícia sexual do regime autoritário brasileiro. In: GREEN, Jean, N; QUINALHA, Renan; FERNANDES, Marisa (org.). *História LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018. p.15-38.

QUINALHA, R. *Contra moral e os bons costumes: a ditadura e a repressão à comunidade LGBT*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RODRIGUES, Jorge P. *Impressões da identidade: Histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil*. Niterói: Universidade Federal Fluminense/Programa de Pós-graduação em Letras, 2007.

RUFINO, L. Pedagogia das encruzilhadas: Exu como educação. *Revista Exitus*, Santarém/PA, Vol. 9, Nº 4, p. 262 - 289, Out/Dez 2019.

SILVA, Cristiano Augusto. *Da Poesia de resistência à ditadura civil-militar (1964-1985)*. Campinas, SP: Mercado de letras, 2024.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4ª ed, Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.